

O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO COTIDIANO DAS MULHERES: CUIDADOS DOMÉSTICOS FAMILIARES E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS

THE IMPACT OF THE COVID-19 PANDEMIC ON THE DAILY LIFE OF WOMEN: FAMILY HOME CARE AND THE DIFFICULTIES FACED

EL IMPACTO DE LA PANDEMIA DEL COVID-19 EN LA VIDA DIARIA DE LAS MUJERES: EL CUIDADO EN EL HOGAR FAMILIAR Y LAS DIFICULTADES ENFRENTADAS

Cássia Maria Carloto¹
Nayara Cristina Bueno²
Valdirene Aparecida Scodro Peixoto³

Resumo

A pandemia de Covid-19 afetou, de forma negativa, o cotidiano das famílias brasileiras, especialmente as pessoas em situação de pobreza e negras. Este artigo tem como objetivo discutir as dificuldades das beneficiárias do Programa Bolsa Família para administrar os cuidados e uso do tempo no trabalho doméstico-familiar, com destaque para a educação formal de crianças. A pesquisa foi realizada em três municípios do estado do Paraná-BR, com 37 mulheres. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, por telefone. A análise foi norteada pelo campo da teoria crítica feminista e demonstrou que os impactos se manifestam de forma diferenciada, conforme a posição de classe, de gênero e de raça. Diante disso, as mulheres pobres, em sua maioria negras e vivendo em territórios vulneráveis, tiveram uma sobrecarga de trabalho de cuidados na esfera doméstico-familiar.

Palavras-chave: Gênero. Uso do Tempo. Cuidados. Pandemia de Covid-19.

Abstract

The Covid-19 pandemic has negatively affected the daily lives of Brazilian families, especially people in poverty and black people. This article aims to discuss the difficulties of beneficiaries of the Bolsa Família Program to manage care and use of time in family domestic work, with emphasis on the formal education of children. The research was carried out in three municipalities in the State of Paraná-BR, with 37 women and for data collection, semi-structured interviews were carried out by telephone. The analysis was guided by the field of feminist critical theory and demonstrated that the impacts are manifested differently, according to the position of class, gender and race. In view of this, poor women, mostly black and living in vulnerable territories, have an overload of care work in the family domestic sphere.

Keywords: Gender. Use of Time. Care. Covid-19 pandemic.

Resumen

La pandemia de Covid-19 ha afectado negativamente la vida cotidiana de las familias brasileñas, especialmente las personas en situación de pobreza y las personas negras. Este artículo tiene como objetivo discutir las dificultades de los beneficiarios del Programa Bolsa Família para gestionar el cuidado y el uso del tiempo en el

¹ Doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora associada C da Universidade Estadual de Londrina. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1953-9201> E-mail: cmcarloto@gmail.com

² Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professor Titular da Universidade Estadual do Centro-Oeste ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2113-0931> E-mail: nbueno@unicentro.br

³ Mestrado em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina. Assistente Social da Prefeitura Municipal de Itambé – PR. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8293-3805> E-mail: vaspeixoto@hotmail.com

trabalho doméstico familiar, com ênfase na educação formal de los niños. La investigación se realizó en tres municipios del Estado de Paraná-BR, con 37 mujeres y para la recolección de datos, se realizaron entrevistas semiestructuradas por teléfono. El análisis se guió por el campo de la teoría crítica feminista y demostró que los impactos se manifiestan de manera diferente, según la posición de clase, género y raza. Ante ello, las mujeres pobres, en su mayoría negras y residentes en territorios vulnerables, tienen una sobrecarga de trabajo de cuidado en el ámbito doméstico familiar.

Palabras clave: Género. Uso del tiempo. Cuidado. Pandemia de Covid-19.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre os cuidados enquanto um trabalho realizado, majoritariamente, por mulheres e no âmbito doméstico-familiar está presente nos movimentos feministas e na academia há longo tempo. Ao se sustentar na divisão sexual do trabalho, é invisibilizado e desvalorizado como ações de menor valor simbólico e monetário. Contudo, sem a realização, no cotidiano, de atividades que atendam às necessidades humanas, como receber atenção, afeto, alimentação adequada, entre outros, a vida não se sustenta.

O trabalho doméstico familiar (lavar, passar, limpar) possui uma linha tênue com o trabalho de cuidados, que, segundo Danièle Kergoat (2016, p.17), refere-se à “atenção, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem.”

O trabalho de cuidados é central para a sustentabilidade da vida (CARRASCO, 2012), e as características desse trabalho na sociedade capitalista estão relacionadas a uma organização social estruturada nas desigualdades sociais de classe, gênero, raça. Isso explica os processos sociais que fazem com que as mulheres negras sejam aquelas que mais cuidam e menos recebem cuidados.

Na literatura especializada e nos debates políticos, o cuidado está relacionado ao bem-estar físico e emocional das pessoas, o que demonstra os seus aspectos objetivos e subjetivos, mas também aos marcos normativos, econômicos e sociais, que definem quem, como e onde se realizam essas atividades (AGUIRRE, 2014).

Nesse contexto, é preciso compreender como, de forma consubstancial, segundo destaca Daniele Kergoat (2010), as relações de gênero, classe e raça podem impactar o cotidiano das mulheres pobres e negras no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil, foco de desta pesquisa.

Segundo o relatório da Oxfam (2020), em 2019, os 22 homens mais ricos do mundo detêm mais riqueza do que todas as mulheres que vivem na África. Na base da pirâmide econômica está o trabalho de mulheres e meninas que dedicam 12,5 bilhões de horas todos os

dias ao trabalho de cuidado e outras incontáveis horas recebendo uma baixíssima remuneração por essa atividade. A Oxfam calculou que esse trabalho agrega pelo menos US\$ 10,8 trilhões à economia. O valor monetário global do trabalho de cuidado não remunerado prestado por adolescentes e mulheres, na faixa etária dos 15 anos ou mais, é de pelo menos US\$ 10,8 trilhões por ano - três vezes mais alto que o estimado para o setor de tecnologia do mundo.

No Brasil, a pesquisa “Sem Parar”, realizada pela Gênero e Número e SOF, Sempre Viva Organização Feminista, demonstrou que 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém durante a pandemia. No caso das mulheres rurais, esse percentual alcança 62% das entrevistadas. Enquanto o percentual de mulheres brancas foi de 46%, o das mulheres negras foi de 52%. Além disso, 72% afirmaram que a necessidade de cuidados a dependentes, especialmente crianças, idosos e pessoas com deficiência, aumentou (SOF, 2020).

Considerando os cuidados como central na vida das mulheres, desenvolveu-se uma pesquisa com o objetivo geral de investigar e analisar o impacto da pandemia da Covid-19 no cotidiano de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família-PBF em três municípios do estado do Paraná-BR: Londrina, Guarapuava, Itambé. Este trabalho discute as dificuldades das mulheres beneficiárias do PBF para administrar os cuidados e uso do tempo no trabalho doméstico familiar, com destaque para a educação formal de crianças e adolescentes.

A pesquisa, de caráter qualitativo, buscou, em um primeiro momento, realizar uma revisão bibliográfica e documental dos temas cuidados e uso do tempo no contexto da pandemia da Covid-19. O tratamento teórico metodológico dado à análise dos dados coletados teve como principal referência os estudos feministas do campo da teoria crítica.

Como procedimento para coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, via telefone⁴. Essa foi a estratégia possível no contexto pandêmico e de isolamento social, no qual as atividades presenciais das universidades estavam suspensas e o atendimento de serviços sócio-assistenciais aconteciam preferencialmente de forma remota. O roteiro, previamente construído por pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Mulheres e Políticas Públicas da Universidade Estadual de Londrina, contou com perguntas fechadas e abertas que, conforme Minayo (1993), possibilita que a entrevistada discorra sobre o tema com maior liberdade, sem se prender apenas à questão.

O instrumento continha cerca de 43 perguntas, divididas em sete blocos: perfil das respondentes, composição familiar, isolamento social, renda e trabalho, trabalho doméstico

familiar e uso do tempo, acesso às políticas de Assistência Social e Saúde. As três últimas questões estavam relacionadas ao medo, sofrimento e uso de tempo durante o período pandêmico.

Tratando-se de pesquisa realizada por meio de contato telefônico, considerou-se importante, para estabelecer uma relação de confiança entre as participantes da pesquisa e as pesquisadoras, que a amostragem fosse por conveniência (GIL, 2008). Partiu-se dos contatos previamente estabelecidos com beneficiárias do PBF indicadas por trabalhadoras da política de assistência social nos municípios pesquisados.

A equipe de pesquisa contou com técnicas da política de assistência social da proteção social básica e especial em Londrina e Itambé (serviços CRAS, CREAS e Caritas), o que facilitou os contatos com as mulheres beneficiárias do PBF. Em Guarapuava, a pesquisadora contou com contatos de técnicas da Secretaria de Assistência Social. Foram escolhidas aquelas mulheres que já tinham certo vínculo de confiança com as técnicas, para que a estratégia de aplicação de questionário por telefone não fosse malsucedida. Isso proporcionou às participantes mais conforto para falar de suas realidades, tendo como base as perguntas dos questionários. O critério de escolha das entrevistadas, além da acessibilidade das pesquisadoras aos sujeitos participantes, foi que fossem beneficiárias do Programa Bolsa Família.

No contato telefônico, os pesquisadores se identificaram e explicaram os termos da pesquisa, passando pelo objetivo e pelos procedimentos metodológicos, além da estrutura e duração média de aplicação dos questionários. Foi esclarecido às entrevistadas que a participação era totalmente voluntária. Também foi pontuado que as informações seriam utilizadas somente para os fins desta pesquisa e seriam tratadas com sigilo e confidencialidade, de modo a preservar sua identidade, mesmo nos casos em que os nomes haviam sido indicados, conforme disposto no termo de consentimento da pesquisa. A partir do aceite da participante, foram feitas as perguntas, conforme a ordem disposta no instrumento, e a beneficiária do PBF indicava sua resposta e, muitas vezes, continuava relatando suas vivências no período pandêmico para além do questionado, se assemelhando-se a uma conversa informal. Caso houvesse alguma dúvida, a pesquisadora lia novamente a questão. Foram aplicados 19 questionários em Londrina (12 na área urbana e 7 na área rural); 8 em Guarapuava e 10 em Itambé, totalizando 37 entrevistas.

Os dados obtidos na pesquisa de campo foram analisados com base na análise de conteúdo, que é caracterizada por “técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e

válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos” (MINAYO, 1993, p. 303). A modalidade que melhor atendeu aos objetivos propostos para esta pesquisa foi a análise temática, que permite “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (MINAYO, 1993, p. 316).

Este trabalho está organizado em dois momentos. O primeiro é a discussão do trabalho doméstico e de cuidados; o segundo constitui-se dos dados da pesquisa e das reflexões sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres.

TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADOS INTRAFAMILIARES

A organização social dos cuidados e do lugar que ele ocupa na sociedade capitalista, segundo Carrasco, Borderías e Torns (2011), começou a gestar-se no final do século XIX. Com as mudanças sanitárias e de educação das crianças, o cuidado infantil passou a ser delegado às mães, menos como trabalho e mais como um instinto ou amor maternal.

O debate sobre a naturalização do cuidado pelas mulheres iniciou-se no movimento feminista e foi sendo incorporado pela academia nos anos 1970 e 1980 do século XX, vinculado, primeiro, à discussão sobre o trabalho doméstico para, posteriormente, ser abordado pelas especialistas em políticas de bem-estar (CARRASCO, BORDERÍAS e TORNOS, 2011).

O que hoje é chamado de cuidados é resultado de uma luta histórica acumulada por feministas por direitos e igualdade, consequência da denúncia das desigualdades sociais que as mulheres enfrentam na sociedade capitalista visando à construção de valores, políticas sociais, projetos societários, um novo mundo em que a vida esteja no centro (OROZCO, 2021).

Orozco (2021) argumenta que a crise econômica, ambiental e social precisa ser enfrentada com a construção de novos valores que coloquem a vida, ou seja, as necessidades sociais de cuidado no centro, em detrimento do mercado, do lucro, do interesse das grandes corporações e do capital. A vida no centro pressupõe uma mudança de curso que posicione a economia a serviço do bem-estar das pessoas. A pergunta norteadora não pode ser quanto custa, mas, sim, o que é necessário fazer para se viver uma vida que mereça ser vivida.

Ter acesso aos cuidados significa que todas as pessoas - independentemente do sexo, idade, condição civil ou tipo de domicílio a que pertençam – deveriam poder satisfazer suas necessidades diretas, tanto biológicas como sociais e emocionais. Estar cuidada ou cuidado

representa poder satisfazer necessidades do corpo que incluem as físico-biológicas e as afetivas e de relacionamento (CARRASCO, 2012).

Tradicionalmente, a organização, a gestão e a realização dos cuidados foram assumidas principalmente pelas mulheres, e essa tarefa permaneceu oculta, sem o reconhecimento social ou político, fato que tem sido uma fonte importantíssima de desigualdades. É uma capacidade básica, necessária para poder desenvolver outras atividades da vida, como, por exemplo, a participação no mercado de trabalho. Estar cuidada ou cuidado tem a ver com o processo de reprodução social ou de sustentabilidade humana, que abrange toda a complexidade da reprodução de pessoas multifacetadas em certo ambiente e em relacionamento com outras pessoas.

Tem a ver, sobretudo, com a qualidade de vida e o bem-estar. Em síntese, para analisar a fundo a complexidade da realidade do acesso aos cuidados, seria preciso diferenciar os vários aspectos que afetam direta ou indiretamente o acesso aos cuidados ou aos serviços e trabalhos que os cuidados englobam (CARRASCO, 2012).

O trabalho doméstico familiar (lavar, passar, limpar) possui uma linha tênue com o trabalho de cuidados, que, segundo Kergoat (2016, p.17), refere-se a “atenção, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem.” Há, portanto, uma relação intrínseca entre eles.

Orozco (2021) aponta que os cuidados possuem uma diversidade de compreensão devido à amplitude e à variedade de trabalho que movimenta, mas se refere ao que é imprescindível para que a vida funcione no seu dia a dia. No cotidiano, é necessário energia física e emocional para atender necessidades concretas de todas as pessoas. Assim, todas precisam de cuidados, todos os dias, mas de maneiras e intensidades distintas. ~~Em nossa~~ Nesta pesquisa, enfatiza-se o trabalho de cuidados não pago desenvolvido no ambiente doméstico-familiar pelas mulheres.

O trabalho doméstico, conforme Bruschini (2009, p.97), pode ser agrupado em “blocos”, mas sem que haja uma hierarquia ou classificação, e definido como:

1. tarefas relativas aos cuidados com a moradia, espaço no qual se passa a vida familiar cotidiana; tarefas de alimentação e higiene pessoal, como cozinhar, lavar pratos e outros utensílios, costurar, lavar e passar roupas; prestação de serviços físicos e psicológicos aos membros das famílias, assim como o cuidado com as crianças, os idosos e os incapacitados da família; administração da unidade doméstica, com atividades que vão desde o pagamento de contas até a administração do patrimônio, bem como a aquisição dos bens de consumo necessários para a casa e a família; Manutenção da rede de parentesco e de amizade, que reforçam laços de solidariedade e de convivência.

Essas tarefas demarcadas em “blocos”, com exceção das do quinto bloco (manutenção da rede de parentesco e de amizade, que reforçam laços de solidariedade e de convivência) geralmente são caracterizadas em nossa sociedade como deveres das mulheres (BRUSCHINI, 2009).

Se uma boa parte dessas atividades são manuais, como fazer camas ou limpar legumes, outras têm um caráter afetivo, como acompanhar as crianças nas tarefas escolares ou assistir os doentes, ou, ainda, um caráter intelectual como é o caso da administração financeira do domicílio (BRUSCHINI, 2009).

Há também os afazeres que são necessários à organização interna da casa, mas são realizados fora dela, como ir às compras, ao banco, ou levar os/as filhos/filhas à escola. É um trabalho que requer tempo e é exaustivo, um problema complexo para o número crescente de mulheres que realizam também um trabalho remunerado, o que aumenta a carga horária que dedicam ao trabalho.

Quanto ao total de horas dedicadas ao trabalho doméstico, o IBGE fez uma pesquisa sobre o tema em 2019. Os resultados mostraram que a população com 14 anos ou mais de idade dedicava, em média, 16,8 horas semanais aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas, sendo 21,4 horas semanais para as mulheres e de 11,0 horas para os homens. De 2016 para 2019, essa diferença entre as médias masculina e feminina aumentou de 9,9 para 10,4 horas semanais (IBGE, Agência de Notícias, 2020).

No contexto da pandemia da Covid-19, com as crianças e adolescentes em casa, e adultos desempregados ou em *home office*, o trabalho aumentou principalmente entre as mulheres da classe trabalhadora que não podiam mais contar com o tempo que as crianças e adolescentes ficavam na escola, centros de educação infantil ou creches.

A concepção de cuidados ainda é imprecisa, mas relaciona-se com a questão da dependência identificada socialmente com alguns grupos específicos em relação a idade (crianças, idosos), saúde (doentes) ou deficiência (leve, moderada, severa). Contudo, Carrasco, Borderías e Torns (2011) afirmam que essa concepção é restrita e que a dependência é inerente à condição humana, somente varia de acordo com o momento e o lugar.

Aguirre (2014) afirma que o apoio multidimensional às pessoas dependentes, mas não somente a elas, em momentos de perda de autonomia e situação de risco, implica um aspecto material (atividades, serviços e tempo para realizar); um aspecto moral (reponsabilidades,

socialização baseada em um tratamento justo, adequado) e um aspecto afetivo (preocupação, amor, tensões e conflitos).

Destaca-se, também, que o cuidado é considerado um trabalho que pode ser realizado em âmbito formal ou informal, possui um aspecto normativo, que pressupõe obrigações e responsabilidades, assim como custos financeiros e emocionais que atravessam a fronteira entre público e privado e relações individuais, familiares e com a sociedade em geral (DALY; LEWY, 2011).

O uso do tempo das mulheres no trabalho doméstico é difícil de quantificar devido a suas dimensões subjetivas que incluem os momentos em que não estão em casa, mas organizam rotinas e acompanham o que os filhos ou dependentes estão fazendo. Envolve questões afetivas, emocionais e conflitos gerados pela responsabilização pela vida de outrem.

As pesquisas sobre o uso do tempo mostram a persistência de padrões tradicionais da divisão sexual do trabalho. As mulheres trabalham mais em atividades não remuneradas, e os homens mais em atividades remuneradas, mas, quando se somam ambas as atividades de trabalho, identifica-se que o tempo de trabalho das mulheres é superior e que elas dispõem de menos horas de descanso e lazer (ABRAMO; VALENSUELA, 2016).

No contexto da pandemia de Covid-19, com todos convivendo no mesmo espaço durante todo o tempo, principalmente em razão da suspensão dos serviços de educação, o domicílio ganhou destaque. No Brasil, mais de 13% das pessoas vivem em domicílios com pelo menos um tipo de inadequação, ou seja, ausência de banheiro, paredes frágeis e/ou improvisadas, áreas de risco, entre outros. Nas metrópoles e nos grandes centros urbanos, há ainda um adensamento das pessoas devido ao alto valor dos aluguéis (SALATA; RIBEIRO, 2020).

Com isso, ocorre um aumento do trabalho doméstico familiar, principalmente para as mulheres negras, uma vez que deixam de contar com os serviços públicos e não possuem a alternativa de acessar esses serviços pela via do mercado. As relações de parentesco, vizinhança e solidariedade também se tornam uma teia de corresponsabilidade feminina pelo trabalho doméstico e de cuidados.

Conforme mostra um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, “a participação dos negros nos estratos inferiores da distribuição (pobre e extremamente pobres) é sempre maior que o dobro da participação da população branca, o que não sofreu alterações significativas na última década analisada”. Em 2009, 7,4% da população

extremamente pobre do Brasil era de mulheres negras, contra 3,1% das mulheres brancas e 2,9% dos homens brancos. Homens negros resultavam em 7% (IPEA, 2013, p.115).

Em relação à população pobre no mesmo ano, 13,4% são mulheres negras contra 5,5% de mulheres brancas. A diferença fica ainda mais evidente quando o estudo aponta que 52% das mulheres brancas são consideradas não pobres, contra apenas 26,3% das mulheres negras no mesmo estrato (IPEA, 2013).

As diversas desigualdades de classe, raça, gênero estruturam a sociedade e acentuam-se nas oportunidades de ensino, no mercado de trabalho e nas próprias relações sociais cotidianas. Nesse sentido, é preciso compreender como essas instâncias articulam-se entre si de modo intra e intersistêmico, ou seja, as relações são consubstanciais, elas formam um “nó” que não pode ser desatado quando as práticas sociais e as relações sociais são coextensivas na medida em que as relações de classe, gênero e raça possuem suas próprias instâncias e se reproduzem e correproduzem mutuamente (KERGOAT, 2010).

TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADOS NA VIDA DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE POBREZA

Entre as mulheres que participaram das entrevistas, verificou-se que 70,3% são preta/parda, confirmando as pesquisas já realizadas pelo IBGE no Censo de 2010. Esta pesquisa apontou que são as mulheres negras que predominam entre os mais pobres. O perfil dessas mulheres demonstrou que 78,3% têm entre 30 a e 49 anos; 96,4% não estão inseridas no mercado de trabalho formal, apenas 2,8% estavam inseridas no mercado de trabalho formal antes da pandemia; 59,5% possuem ensino fundamental incompleto; 54,1% das mulheres entrevistadas moram com seus companheiros e 43,9% constituem famílias monoparentais femininas. Os dados da pesquisa também indicam que, em relação à faixa etária dos filhos, 51,4% está entre 11 e 15 anos, seguida pela faixa de 07 a 10 anos, 45,9%.

Em relação à renda, 97,2% afirmaram que a principal renda vem do benefício Bolsa Família e do auxílio emergencial. Observa-se que 29,7% das famílias receberam, junto com o benefício Bolsa Família, benefícios eventuais da Assistência Social. As respondentes, 54%, também relataram que o trabalho informal compõe a renda familiar. Constata-se que, nesse momento, os benefícios assistenciais são as principais fontes de renda das famílias, configurando como um importante fator de proteção social, principalmente ao se considerar o número de famílias monoparentais femininas.

Nesta pesquisa, 70,2% das entrevistadas responderam que o trabalho doméstico aumentou durante a pandemia. Para 40,5% aumentou muito e para 29,7% aumentou pouco; apenas para 29,7 manteve-se igual, conforme demonstra a Tabela 1:

Tabela 1 - Aumento do trabalho doméstico durante a pandemia

Percepção	frequência	%
Sim, muito	15	40,6
Sim, um pouco	11	29,7
Não, manteve	11	29,7
Total	37	100,0

Fonte: autoras (2020)

O aumento do trabalho doméstico se manifesta objetivamente na administração do tempo e nas responsabilidades de acompanhamento escolar, em entreter as crianças e no aumento de atividades de cozinhar e limpar, em um contexto em que as mulheres já dedicavam mais que o triplo do tempo que os homens para ao trabalho doméstico e de cuidado não remunerados (CEPAL, 2019).

Durante a pandemia, a sobrecarga do trabalho doméstico foi percebida por 72,9% das mulheres entrevistadas, que, adicionada ao aumento do trabalho de cuidados com dependentes, principalmente crianças, impacta diretamente as mulheres, como indica a Tabela 2.

Tabela 2 - Sobrecarga com o trabalho doméstico e cuidado durante a pandemia

Percepção	frequência	%
Sim, muito	16	43,2
Sim, um pouco	11	29,7
Não, manteve	10	27,0
Total	37	100,0

Fonte: Autoras (2020)

Com as crianças o tempo todo em casa, Selma⁵ relata que aumentou o gasto e o serviço em casa: “Eu trabalho o dobro agora para deixar organizado”. Ela já era a única responsável pelo cuidado com o filho e cuida, esporadicamente, também de dois familiares idosos, afirma que a sobrecarga foi intensificada com a pandemia.

Em relação aos cuidados com dependentes, os cuidados com crianças (72,2%) aparecem em primeiro lugar, em seguida vêm os cuidados com adolescentes (30,6%) e outras pessoas (16,7%). Nessa questão, chama a atenção a situação de mulheres que cuidam de ex-

⁵ Todos os nomes das entrevistadas são fictícios para preservar a identidade das participantes da pesquisa.

companheiros, mesmo não convivendo na mesma casa, o que reafirma o aspecto moral dos cuidados. Uma das entrevistadas relata que conflitos e violências causaram a separação, mas, no momento em que seu ex-marido adoeceu, foi ela que assumiu os cuidados juntamente com as filhas do casal.

Também é necessário destacar que, entre as mulheres que responderam não identificar sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados durante a pandemia, estão aquelas que não possuem filhos, ou os filhos não residem na mesma casa. O fato de morarem sozinhas ou apenas com o companheiro é que interfere na sobrecarga.

Em relação às atividades domésticas que têm exigido maior atenção das mulheres entrevistadas, destacam-se o preparo de alimentos (69,4%) e brincar e distrair as crianças (44,4%). Nesse aspecto, pode-se considerar que o fornecimento de refeições na escola é primordial para completar a alimentação das crianças e diminuir o tempo gasto no preparo pelas mulheres.

Sobre distrair as crianças, uma das entrevistadas, Marta, relatou a dificuldade em exercer essa atividade com os filhos no contexto da pandemia, uma vez que não podem sair de casa. Em suas palavras, é necessário “trazer a rua para dentro de casa”, inventando brincadeiras. Também se referiu ao grande desgaste emocional que isso provoca.

A limpeza da casa aparece (67,7%) como atividade que passou a gastar mais tempo. Não é a mesma situação das famílias de classe média, que, antes da pandemia, contavam com trabalhadoras domésticas ou diaristas e tiveram que assumir essas tarefas. Essas mulheres pobres, na maioria negras, já faziam o trabalho doméstico. Possivelmente, a presença das crianças na casa, em situação de isolamento, em habitações precárias, tenha aumentado a desorganização e, conseqüentemente, o trabalho.

A lavagem de roupas também aumentou, situação relatada por 66,7% das entrevistadas. Novamente a questão da escola pode ser um fator, pois a maioria usa uniformes, o que facilita, para as mulheres, o cuidado com as roupas. Também são crianças que não têm muitas roupas para trocar, exigindo, assim, um constante asseio para que haja roupas limpas para serem usadas. Deve-se considerar, também, que nem sempre essas famílias têm máquina de lavar roupa, o que aumenta o tempo das mulheres nessa tarefa. A Tabela 3 mostra a diversidade de tarefas que ocupam o tempo das mulheres nos cuidados cotidianos no interior da família.

Tabela 3 - Atividades domésticas e de cuidados que passaram a gastar mais tempo

	frequência	%
Cuidado com as crianças	26	15,1%

Preparo de alimentos	25	14,5%
Limpeza da casa	24	14,0%
Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	22	12,8%
Lavagem das roupas	21	12,2%
Brincar ou distrair as crianças	16	9,3%
Mercado e outras compras	14	8,1%
Cuidado com adolescentes	11	6,4%
Cuidar de outras pessoas que não moram no domicílio	6	3,5%
Cuidado com idosos e pessoas doentes	5	2,9%
Sem resposta	1	0,6%
Cuida da neta de 5 anos durante o dia	1	0,6%
Total Geral	172	100%

Fonte: Autoras (2020)

A divisão sexual do trabalho, conforme afirma Kergoat (2016), é uma construção social, adaptada historicamente em cada sociedade, que se forma na divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo. Possui como características a destinação dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado. A autora aponta, ainda, que essa divisão do trabalho possui dois princípios organizadores: a separação (trabalho de homens e trabalho de mulheres) e a hierarquização (trabalho de homem *vale* mais que trabalho de mulher).

Essa divisão implica destinar às mulheres trabalhos voltados à reprodução social, tanto na esfera doméstica, quanto no mercado de trabalho e, ao vincular tais atividades com características naturalizadas como “femininas” (amor, bondade, cuidado, entre outras), é retirado seu valor monetário, sendo, portanto, desvalorizado, desprotegido e mal pago. Com isso, a dominação masculina se manifesta de forma econômica, social, política e cultural.

É importante destacar que, atualmente, a ideia da exclusividade do trabalho masculino na esfera produtiva e feminino na esfera da reprodução não corresponde à prática social e que o exercício de uma atividade profissional remunerada não questiona as relações de dependência, uma vez que permanece atribuído às mulheres o trabalho doméstico, agora, com maior rigidez do uso do tempo nas tarefas.

Também foi relatada a tarefa de ir ao mercado e outras compras. Nessa tarefa, 75,7% das entrevistas são responsáveis pelas compras, seguida por companheiro ou marido, com 16,2%, conforme apresenta a Tabela 4.

Tabela 4 - Quem da família tem feito as compras de alimentos, medicamentos e outros

Responsável	frequência	%
A respondente	28	75,7
Companheiro/marido	6	16,2
Ex-marido	1	2,7
Filhas/os	1	2,7
Pai	1	2,7
Total	37	100,0

Fonte: Autoras (2020).

Nesse aspecto, identificou-se que, além das mulheres predominarem nas idas ao mercado e outras compras, elas precisam organizar a renda em um contexto de desemprego e racionamento, e atender às orientações de prevenção ao contágio pelo coronavírus, como a higienização do ambiente, dos alimentos, roupas, calçados, e adaptar-se ao uso de máscaras e de álcool em gel.

Perguntado se alguém divide as tarefas domésticas e de cuidado com a respondente, 37,8% responderam que não, 16,2 que são as filhas mulheres, o que corresponde a 54%. Na Tabela 4, observa-se que os meninos e companheiros também estão mais presentes nas atividades domésticas. Contudo, ainda cabe às mulheres a responsabilidade exclusiva por esse trabalho ou por direcionar a sua execução, como, por exemplo, informando a necessidade de compras e fazendo a lista de produtos e, depois, guardando os produtos no armário.

Nesse mesmo tópico, também foi questionado se a pessoa que tem dividido as tarefas domésticas durante a pandemia já fazia isso anteriormente. As respostas apontam que pouca coisa mudou, uma vez que 54,1% responderam que sim e 45,9% responderam que não. Se for considerado que a divisão das tarefas domésticas é majoritariamente entre mulheres (mães, filhas, netas), percebe-se que a divisão sexual do trabalho permanece responsabilizando as mulheres pelo trabalho doméstico não remunerado.

Tabela 5 - Alguém divide as tarefas domésticas e cuidados com você

Membro da família	frequência	%
Não	14	37,8
Sim, filhas meninas/mulheres	6	16,2
Sim, filhas meninas/mulheres, sim, filhos meninos/homens	3	8,1
Sim, filhos meninos/homens	3	8,1
Sim, meu companheiro homem	3	8,1
Sim, minha mãe ou avó	2	5,4
Ex-marido	1	2,7
Não, os filhos de 15 e 17 anos raramente	1	2,7
Sim, filhas meninas/mulheres, os netos adolescentes ajudam em casa	1	2,7
Sim, filhas meninas/mulheres, sim, meu companheiro homem	1	2,7

Sim, minha mãe ou avó, sim, meu pai ou avô	1	2,7
Sobrinha	1	2,7
Total	37	100,0

Fonte: Autoras (2020).

Na realização da pesquisa, também foi perguntado se a pessoa que divide as tarefas domésticas e de cuidados durante a pandemia já as compartilhava anteriormente, e apenas 54,1% responderam que sim, conforme a tabela a seguir.

Tabela 06 - Essa pessoa já dividia as tarefas domésticas com você antes da pandemia

Situação	frequência	%
Sim	20	54,1
Ninguém divide as tarefas	9	24,3
Não	5	13,5
Ninguém dividia as tarefas antes da pandemia	3	8,1
Total	37	100,0

Fonte: Autoras (2020).

Vale retomar a fala de Neusa, que mora com a neta de 4 anos, trabalha esporadicamente na colheita, porém auxilia a filha a cuidar do pai (o seu ex-marido), pois os moram próximos. É a filha que busca as atividades na escola e realiza as atividades com a criança menor, por isso não se preocupa com as atividades da escola. Suzana, por sua vez, contou que os conflitos com o companheiro aumentaram muito. Como são somente os dois em casa, “eles se enxergam muito, o tempo todo”. No início da pandemia, ele ficou em casa uns dois meses sem trabalho, e o trabalho doméstico aumentou muito porque ele não “ajuda” em nada. Agora ele está trabalhando, e o trabalho doméstico, que ela executa sozinha, voltou a ser o mesmo de antes da pandemia,.

Isaura, outra entrevistada, trabalhava informalmente (vendia roupas nas casas das pessoas) antes da pandemia, mas parou de vender. Recebeu o auxílio emergencial por ser beneficiária do Bolsa Família. Relatou o aumento das atividades domésticas e de cuidado com as crianças e o fato de ser a única responsável na família, apesar de viver com o companheiro. A única mudança foi em relação à ida ao mercado, pois o companheiro passou a ir mais (devido à restrição de apenas uma pessoa da família entrar em estabelecimentos comerciais), enquanto ela permanece em casa com as crianças. São duas crianças, uma de 3 e outra de 6 anos.

A Tabela 7 mostra se houve aumento de trabalho doméstico familiar e de cuidados com a manutenção das atividades escolares remotas das crianças.

Tabela 07 - Aumento do trabalho nos cuidados com crianças nas atividades escolares

Percepção	frequência	%
Sim, muito	14	37,8
Sim, um pouco	12	32,4
Não.	8	21,6
Não respondeu*	3	8,1
Total	37	100,0

Fonte: Autoras (2020).

Nota: * Não responderam por não terem crianças em casa.

Destaca-se que apenas duas das entrevistadas não possuem crianças/adolescentes em casa e uma não respondeu. É expressivo o fato de que para 70% das entrevistadas o trabalho aumentou, muito ou pouco. As atividades exigem concentração, espaço adequado, materiais eletrônicos disponíveis, mas as condições econômicas e de escolaridade vivenciadas não possibilitam um acompanhamento das atividades de forma adequada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho doméstico e de cuidados realizado, majoritariamente, por mulheres em suas casas é imprescindível para reprodução da vida, contudo não é valorizado e reconhecido como tal. É um trabalho tão rígido em rotinas e uso do tempo como o trabalho realizado no âmbito formal e remunerado.

A discussão dos cuidados retoma a importância das relações sociais, comunitárias, do cotidiano, onde se produz a vida em suas contradições, em que o afeto e a violência se manifestam e podem ser transformados. Apontam-se duas dimensões que envolvem o trabalho de cuidados.

A dimensão social, que envolve quem realiza, onde e como, demonstra que as mulheres em situação de pobreza e negras são as que mais desenvolvem esse trabalho. Ao não contar com serviços públicos que garantam a proteção social, as mulheres ficam presas aos papéis tradicionais de gênero, e a feminização da pobreza tem na responsabilização das mulheres pelos cuidados um de seus pilares.

A dimensão política e ideológica coloca as mulheres como cuidadoras, devido à divisão sexual do trabalho e tudo o que isso implica em pobreza de tempo, impossibilitando a autonomia social e econômica. São os movimentos feministas que irão problematizar e questionar esse lugar “natural” das mulheres, demonstrando a contribuição social e econômica

do trabalho doméstico e de cuidados e rompendo com a falsa dicotomia público/privado. Também são as mulheres em sua individualidade que buscam diariamente mudanças em suas vidas.

A pandemia de Covid-19 impactou de maneira diferente o cotidiano das mulheres, evidenciando os processos sociais de classe, raça/etnia, gênero. A pesquisa realizada demonstrou que as mulheres pobres, em sua maioria negras e vivendo em territórios vulneráveis, tiveram que lidar com o aumento do trabalho doméstico e de cuidados, deixando de contar com a rede de serviços da educação (tempo das crianças na escola, alimentação, utilização de uniformes).

A transferência das atividades escolares para casa, em ambientes despreparados em relação a moradia, falta de materiais necessários, acesso precário ou ausente à Internet, a falta de aparelhos adequados (celular, computador), ou seja, condições objetivas para contribuir com as atividades (a baixa escolaridade das mulheres e a idade das crianças) aumentaram a sobrecarga e as preocupações no cotidiano de cuidados intrafamiliares.

Foram relatadas também as dificuldades relacionadas aos gastos financeiros, principalmente, com produtos alimentícios, de higiene e o pagamento de contas de água, luz e Internet. Além disso, houve aumento de gasto na compra de itens para acompanhar o ensino remoto dos(as) filhos (as) e as idas e vindas da escola, semanalmente ou quinzenalmente, para buscar e levar atividades avaliativas.

As dificuldades provocadas pela situação de pandemia geraram sentimentos de medo, incerteza e insegurança como apontado pelas entrevistadas. Um exemplo relatado foi o medo de não conseguir garantir a alimentação da família. A quantidade de refeições aumentou. Antes algumas refeições eram realizadas na escola ou no trabalho. Isso gerou grande sofrimento, causando um impacto negativo na saúde mental dessas mulheres.

Finalmente, pôde-se constatar que houve um aumento do trabalho de cuidados doméstico-familiares durante a pandemia de Covid-19 que recaiu sobre as mulheres, especialmente, as mães, o que as sobrecarregou. Ainda que, no período mais grave da pandemia, os serviços assistenciais, de saúde e educação tenham interrompido ou restringido seu atendimento, é fundamental a existência de políticas públicas voltadas à socialização dos cuidados, de caráter universal, não mercantilizável e com cobertura suficiente para atender às demandas, além de uma divisão equitativa do trabalho doméstico-familiar dentro do domicílio.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Laís & VALENSUELA, Maria Elena. (2016). Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na América Latina: uma repartição desigual. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva, HIRATA, Helena & LOMBARDI, Maria Rosa. **Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. Tradução: Carolde Paula. 1. ed. São Paulo: Boitempo, p.113-124
- AGUIRRE, Rosario (2014). La política de cuidados en Uruguay: ¿Un avance para la igualdad de género?. **Revista Estudos Feministas**, vol. 22, n.º 3, p. 795-813
- BRUSCHINI, Cristina. (2009). Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixarenda. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 93-123
- CARRASCO, Cristina (2012). **Estatísticas Sob Suspeita**: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres. Tradução por Valenzuela Perez. São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista. 2012.
- CARRASCO, Cristina; BORDARIAS, Cristina & TORNOS, Teresa (2011). **El trabajo de cuidados**: história, teorías y política, Madrid: Catarata, p.13-95
- CEPAL, Comissão Econômica da América Latina (2019). **La autonomía de las mujeres en escenarios económicos cambiantes**, Santiago. Disponível em:
https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45032/S1900723_es.pdf?sequence=4&isAllowed=y Acesso em 20/08/2019
- DALY, Mary; LEWIS, Jane. (2011). El concepto de 'social care' y el análisis de los Estados de Bienestar contemporáneos. In: Carrasco, Cristina, Borderías, Cristina. Tornos, Teresa. **El trabajo de cuidados**: economía crítica y ecologismo social. Spanish Edition. Los Libros de La Catarata, Madrid. p. 223-249
- SOF, Sempre Viva Organização Feminista, Gênero e Número (2020). Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. **Relatório de pesquisa**. Disponível em:
https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf Acesso em 21/09/2019
- Gil, Antonio Carlos (2008). **Modos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Agência de Notícias (2020). **Mulheres dedicam mais horas por semana aos afazeres domésticos**. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas> Acesso em 10/10/2021
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). **Censo 2010**. Brasil. Disponível em:
<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados/resumo.html> Acesso em 25/08/2019
- IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2013). **Dossiê Mulheres Negras**: Retrato das condições de vida no Brasil, Brasília

KERGOAT, Danièle. (2016). O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena & LOMBARDI, Maria Rosa. **Gênero e Trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. Tradução: Carolde Paula. 1. ed. São Paulo: Boitempo. p. 17-26

KERGOAT, Danièle (2010). Dinâmica da consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 86, 2010. p. 93-103

MINAYO, Maria Cecília de Souza (1993). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13. Ed. São Paulo: Hucitec

OROZCO, Amaia Perez (2021). El conflicto capital-vida: aportes desde los feminismos. **Trabalhonestário**. V.19, nº 38. Doi: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i38.45907>

OXFAM (2020). Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. **Documento informativo da Oxfam**. Doi: 10.21201/2020.5419

SALATA, Andre Ricardo; RIBEIRO, Marcelo Gomes (2020). **Boletim Desigualdade nas Metrôpoles**. Porto Alegre/RS, n. 01. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/> Acesso em 15/08/2019